

A "Lei de Murphy haitiana": azar ou consequência?

CAMILA GOMES

Here is real Murphy's Law thinking: Even if nothing can go wrong, eventually it will (Paul Schroeder, 1985).

É demasiado clichê falar sobre Haiti e instantaneamente mencionar as recorrentes crises que o circundam. Entretanto, não parece ser possível compreender a atual realidade do país sem fazê-lo. Localizado em zona com intensos movimentos de placas tectônicas propensas a gerarem terremotos frequentes, não é incomum que o país sofra com tremores de terra de magnitude superior àquele registrada com a explosão da bomba atômica de Hiroshima, no Japão, em 1945 (Mesquita; Gráss, 2024). O que por si só já geraria inúmeros desafios e poderia ser estopim para instabilidades internas diversas, é ainda mais intensificado quando se considera todo o cenário que circunda o Haiti.

Com intenso histórico colonial e imperialista, o Haiti foi o primeiro a abolir a escravidão a partir de uma revolução dos então escravos, em 1794, e a segunda nação americana a conquistar a independência, em 1804 – menos de três décadas após os Estados Unidos. As circunstâncias que envolvem a realidade haitiana são de profunda complexidade e, somadas, parecem compor o cenário perfeito de uma nação com intenso infortúnio. As problemáticas no país são diversas e perpassam simultaneamente por fatores políticos, securitários, econômicos e sociais.

Para além, desde sua independência, foram realizadas diversas intervenções internacionais ao Haiti sob a égide de apoiar o país a (r)estabelecer-se em ao menos uma das referidas áreas. Consideradas legítimas em alguns casos (Wright, 1957), muitas dessas intervenções são, até os dias atuais, envoltas de controvérsias e graves denúncias por parte da população haitiana. Tal cenário indica que, mesmo tendo conquistado a independência

ainda no início do século XIX, o Haiti não parece ter alcançado uma estabilidade duradoura que permitisse seu desenvolvimento enquanto Estado soberano – ou seja, de acordo com Ruggie (1983 apud Keohane, p. 62, 1984), um Estado que não estaria sujeito a nenhum outro ator.

Considerando o exposto, pretende-se discorrer na presente análise se a junção de fatores desfavoráveis que se somaram na história do Haiti e culminaram no que hoje é o país mais pobre das Américas e um dos mais pobres do mundo (USAID, 2021) são decorrentes de, conforme descrito na Lei de Murphy, uma sucessão de todas as possibilidades dando errado, ou se fatores além da pura “sorte” ou “azar” tiveram alguma influência relevante no atual cenário observado no país.

As tantas crises simultâneas que compõem a história do Haiti

Mesmo tendo conquistado a independência em período próximo aos Estados Unidos, o Haiti não teve o mesmo ritmo de crescimento que aquela nação. O processo de revolução e de busca pela independência haitiana deixou rastros de destruição pelo território, com o desmantelamento de infraestruturas espalhadas ao longo de sua extensão (Henochsberg, 2016). Além de lidar com a necessidade de reconstrução, o Haiti teve o reconhecimento de sua independência condicionado ao pagamento de multa à França. Tal condicionamento não apenas dificultou os investimentos na reconstrução local e na criação de novas estruturas necessárias para o desenvolvimento do Estado haitiano, como também fez com que o país contraísse dívidas externas para viabilizar o pagamento. A crise, desencadeada pela necessidade de pagamento da multa, fez com que o país sucumbisse em uma intensa crise econômica, com resquícios existentes até os dias atuais (Ghachem, 2023).

Não obstante, desde então, o Haiti tem enfrentado frequentes crises políticas e intervenções estrangeiras, que não parecem surtir efeito para firmar o país, senão para gerar ainda mais questões internas. Exemplo de tal é que, após o assassinato de Jovenel Moïse, em 2021, Ariel Henry assumiu o poder e foi observado aumento exponencial de violência, com gangues ameaçando o governo e a segurança nacional (Osborn, 2024) Com líderes que

chegam ao poder e não conseguem trabalhar em prol da população, outros atores internacionais realizam intervenções falhas, que não geram resultados positivos no longo prazo e parecem acrescentar outras questões na já extensa lista de problemas que afetam a realidade haitiana.

Outro aspecto determinante a ser considerado para compreender o Haiti é sua vulnerabilidade climática. Situado em uma região suscetível a sofrer com fortes terremotos, furacões intensos e tempestades tropicais frequentes, foi devastado em 2010 após ser atingido por um terremoto devastador que matou mais de 200 mil pessoas e deslocou outras milhares (CNN Brasil, 2024). Não fosse a falta de investimentos e ausência de infraestrutura resiliente, com espaços capazes de abrigar de forma segura a população em momentos de ocorrências naturais, talvez as perdas (especialmente humanas), pudessem ser mitigadas. Considerando que, conforme afirmado por Eduardo Viola e Larissa Basso (2016), a mudança do clima, que resultará em eventos climáticos extremos cada vez mais comuns, já é uma realidade em curso, portanto, episódios naturais extremos tendem a ser cada vez mais frequentes; podendo piorar ainda mais a situação vivida no Haiti.

Enfim, é possível discutir ainda como essas crises se convergem, tornando a busca por uma solução ainda mais difícil e sua concretização distante. Combinados, esses aspectos parecem tornar o país um perfeito exemplo de como constantemente tantos fatores distintos parecem se encontrar na ideia da Lei de Murphy para que tudo que possivelmente possa se somar para dar errado, realmente dê.

"Lei de Murphy" ou responsabilidade externa?

Conforme exposto até aqui, é possível compreender a complexidade e a quantidade de panoramas que juntos compõem a história do Haiti. Seria, então, possível considerar o Haiti como uma nação "azarada"? Quando considerado o fator geográfico, sim. Quando considerados os demais aspectos, porém, os colapsos não podem ser atribuídos diretamente a isso.

As constantes influências externas dentro do Haiti, a

começar pelo processo de reconhecimento de sua independência e as sucessivas interferências que sofreu desde então, moldaram fortemente a realidade atual do país – assim como fizeram com, ao menos, o seu futuro próximo. A crise econômica intensificou a crise política, que ofereceu espaço para o crescimento da violência e legitimidade de poderes paralelos, como o detido por gangues, a partir da falta de capacidade do Estado de prover e garantir condições básicas para sobrevivência digna da população. A violência perpetrada pelas gangues, por sua vez, legitimou, no cenário internacional, interferências estrangeiras que posteriormente receberiam denúncias de, entre outros, abuso sexual (Lee; Bartels, 2019), propagação de doenças como cólera (BBC News, 2011) e abandono parental (Lee; Bartels, 2019).

Não suficiente em um sistema interno frágil, surgiram conflitos localizados e fronteiriços, que também deixaram sequelas significativas na realidade local. Tais conflitos, comumente fundamentados em disputas históricas regionais, escalaram pela ausência de um Estado com instituições capazes de conter, intermediar e solucionar as disputas.

Em acréscimo ao panorama apresentado, o fim da estabilidade do meio ambiente (Viola; Basso, 2016) se apresenta como mais uma ameaça em um local já geograficamente desfavorável. Seus desdobramentos, com potencial catastrófico e consequências ainda desconhecidas, podem afundar o Haiti ainda mais em uma sucessão de fatores que já não parece oferecer muitos contornos possíveis no curto ou médio prazo. O avanço da degradação ambiental, unido à vulnerabilidade do território, contribuem para uma piora em indicadores sociais e econômicos de um país cujo 59% da população vive abaixo da linha da pobreza e com acesso limitado à serviços básicos (UNICEF, 2023)

Depreende-se, portanto, que atribuir a atual situação local com a ideia central da Lei de Murphy é anular, sem dúvidas, a responsabilidade que tantos atores internacionais possuíram na construção da atual realidade do Haiti, tanto aqueles com atuação mais recente, como o Brasil por meio da Minustah, como aqueles com atuação mais distante no tempo, como o império francês. A perpetuação de desigualdades e desvantagens construídas e impostas ao longo da história do Haiti formaram um ciclo vicioso difícil de ser quebrado.

Considerações finais

Embora a possibilidade de culpar o acaso e caracterizar o Haiti como um país *extremamente* azarado pareça tentadora quando encarada a complexidade de tantos fatores, essa isentaria muitos atores que contribuíram para a atual situação haitiana. É crucial compreender a complexidade das interações existentes entre fatores internos e tantos outros externos que tiveram influência simultânea na história do país.

Ainda que no sistema internacional em voga a ideia de que os países são soberanos seja amplamente aceita e defendida, nem sempre as respectivas soberanias estatais são suficientes para oferecer aos seus nacionais toda a estrutura mínima para um bom funcionamento do Estado, por vezes tornando-o frágil e suscetível à ações externas. Assim, o poder legítimo e a soberania do Estado haitiano, que se bem consolidados garantiriam sua autonomia, não tiveram a chance de se desenvolverem plenamente. Mesmo em um cenário em que o conceito de soberania seja como é, ele não é absoluto. Não o era anos atrás, quando a França colonizou um território já habitado, tampouco o é hoje, quando o conceito segue sendo desrespeitado e menosprezado com frequência. E, tudo mais constante, a tendência é que isso mantenha-se dessa forma no futuro, com mais intervenções à vista (Phillips, 2024).

É possível afirmar, portanto, que o "azar" haitiano é na realidade uma consequência, e de responsabilidade coletiva: é de responsabilidade da França, que ao colonizar e exigir multas indenizatórias exorbitantes para reconhecer a posterior independência de uma nação fragilizou uma economia que sequer havia sido estabelecida; é de países estrangeiros, que financiaram e participaram de intervenções mal-sucedidas e que geraram novas questões e intensificaram problemas existentes; é de atores internacionais, que apoiaram tais intervenções e esquivaram-se da responsabilização individual ou coletiva pelos crimes cometidos por seus representantes (Lee; Bartels, 2019); também, do próprio sistema, que visa poder acima de tudo, até acima de todos.

Pode-se dizer, enfim, que sim, muito do que poderia ter dado errado na história do Haiti até aqui, realmente deu. Isso, porém, não deve ser atribuído ao mero destino ou acaso. O azar do Haiti além de ser, na verdade, consequência de uma sucessão de acontecimentos, é também majoritariamente construído – especialmente por forças e interferências internacionais que, ao invés de ajudarem a construir e estabelecer um Estado autônomo (ou ao menos de não atrapalhar tal processo), o deterioram ainda mais.

Referências

BBC NEWS BRASIL. Tropas do Nepal foram fonte de surto de cólera no Haiti, diz ONU. **BBC News**, 5 maio 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/05/110505_haiti_colera_onu. Acesso em: 23 set. 2024.

Em 2010, terremoto de magnitude similar matou mais de 200 mil pessoas no Haiti. 2023. **CNN BRASIL** 14 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-2010-terremoto-de-magnitude-similar-matou-mais-de-200-mil-pessoas-no-haiti/>. Acesso em: 28 jul. 2024.

GHACHEM, Malick W. The real intervention Haiti needs. **Foreign Policy**, 14 set. 2023. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/09/14/haiti-crisis-intervention-gangs-colonialism-france-us-history-monetary-policy/>. Acesso em: 24 set.. 2024.

HENOCHSBERG, Simon. **Public debt and slavery: the case of Haiti (1760-1915)**, p. 1-60, 2016.

KEOHANE, Robert. **After Hegemony: cooperation and discord in the world political economy**. Princeton, Princeton University Press, 1984.

LEE, Sabine; BARTELS, Susan. 'They put a few coins in your hands to drop a baby in you' – 265 stories of Haitian children abandoned by UN fathers. **The Conversation**, 17 dez. 2019. Disponível em: <https://theconversation.com/they-put-a-few-coins-in-your-hands-to-drop-a-baby-in-you-265-stories-of-haitian-children-abandoned-by-un-fathers-114854>. Acesso em: 23 set. 2024.

MESQUITA, Kaio Lucas S.; GRÁSS, Natália. **Refugiados ambientais no Haiti: um desafio humanitário e ecológico**. Revista Petrel, v. 7, n. 2, 2024. Disponível em: <http://petrel.unb.br/petrel/apresentacao>. Acesso em:

OSBORN, Catherine. How Haiti's unelected leader lost America's blessing. **Foreign Policy**, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2024/03/07/haiti-crisis-gangs-ariel-henry-united-states-caricom-elections/>. Acesso em: 27 set. 2024.

PHILLIPS, Tom. Haitians wary as Kenyan police arrive on latest US-backed mission. **The Guardian**, 25 jun. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/article/2024/jun/25/haitians-wary-as-kenyan-police-arrive-on-latest-us-backed-mission>. Acesso em: 24 set. 2024.

Referências

SCHROEDER, Paul. Does Murphy's Law Apply to History? **The Wilson Quarterly (1976-)**, v. 9, n. 1, p. 84-93, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40257661>. Acesso em: 26 jul. 2024.

VIOLA, Eduardo; BASSO, Larissa. O sistema internacional no Antropoceno. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 92, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/N4LVLLhsfppqP64MhB5KXZj/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

UNICEF. **Haiti**. 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/132191/file/2023-HAC-Haiti.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

USAID. **Haiti: nutrition profile**. Maio de 2021. Disponível em: <https://www.usaid.gov/document/haiti-nutrition-profile#:~:text=Haiti%20is%20the%20poorest%20country,the%20poorest%20in%20the%20world>. Acesso em: 23 set. 2024.

WRIGHT, Quincy. The legality of intervention under the United Nations Charter. In: **Proceedings of the American Society of International Law at Its Annual Meeting (1921-1969)**, v. 51, p. 79-90, 1957. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25657370>. Acesso em: 26 set. 2024.